

Para o Bird, não se deve esperar resultados rápidos.

3

O Brasil está no centro do cenário, afirmou ontem pela manhã o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, na entrevista coletiva em que apresentou um balanço da 42ª Assembléia Anual FMI-Bird, encerrada em Washington sem resultados palpáveis de curto prazo para o País.

O desenvolvimento econômico é o objetivo principal, disse Conable, insistindo porém na negociação das dívidas caso a caso. E, segundo ele, a América Latina pode reverter o quadro atual de dificuldades, ao contrário de outras regiões. "Se pudermos aprovar um programa que tenha base política e apoio interno em cada país, as coisas serão mais fáceis" — observou, num contexto em que o Brasil se encaixa.

O Banco Mundial, informou seu presidente, entende que a participação em um programa de conversão de dívidas em capital de risco "é uma coisa do futuro, que vai levar tempo", ainda que seja possível. O Bird, explicou, pode dar assessoria técnica

e financeira. A IFC (Corporação Financeira Internacional) poderá ter um papel a desempenhar. "Mas não se deve esperar nada rápido. O ajuste das condições econômicas é a chave para novos recursos."

Conable manifestou-se contra o protecionismo, abordou apenas superficialmente a reestruturação que está fazendo no Bird — no âmbito da qual deixou a instituição o vice-presidente Botafogo Gonçalves, diplomata brasileiro que participara ativamente das negociações internacionais no período Delfim Netto e que chegou ao banco por concurso — e reiterou que os bancos comerciais devem emprestar recursos novos para países de renda média, "se tiverem confiança nos programas de ajuste" desses países.

O presidente do Bird expressou sua crença de que haverá apoio generalizado à proposta norte-americana de elevar o capital da instituição, mas advertiu que isto não será um substitutivo para novos empréstimos privados. "Por mais forte que sejam as

instituições internacionais não podem seguir sozinhas. O retorno do crédito às regiões altamente endividadas só ocorrerá com ajustamento bem-sucedido e desenvolvimento sustentável. E isto requer um aumento em todos os fluxos de recursos."

Conable elogiou o Japão — que pretende destinar mais recursos para a assistência aos países em desenvolvimento — e uma tese já defendida em Washington nesta semana pelo representante japonês, Satoshi Sumita. "A IFC e a Miga oferecem suporte vital para a iniciativa privada nos países-membros em desenvolvimento." (A Miga, que é uma agência multilateral contra riscos políticos mas que ainda não opera, fará seguro contra esses riscos, entre os quais, mudanças de regime ou revoluções, protegendo os investidores e encorajando os investimentos de risco.) "É um trabalho vital" — afirmou Conable.

Fábio Pahim Jr., de Washington